



UMA VIDA RESPONSÁVEL: um estudo analítico da *Estrutura da Vida Responsável*, segundo Dietrich Bonhoeffer

RESPONSIBLE LIVING: an analytical study of the Structure of Responsible Living, according to Dietrich Bonhoeffer

Lucas dos Santos Ferreira ^[a] 

Curitiba, PR, Brasil

^[a] Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR)

Edilson Soares de Souza ^[b] 

Curitiba, PR, Brasil

^[b] Faculdade Batista do Paraná

Como citar: FERREIRA, Lucas dos Santos; SOUZA, Edilson Soares de. UMA VIDA RESPONSÁVEL: um estudo analítico da Estrutura da Vida Responsável, segundo Dietrich Bonhoeffer. *Revista Pistis & Praxis, Teologia e Pastoral*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 16, n. 01, p. 132-142, jan./abr. 2024. DOI: <http://doi.org/10.7213/2175-1838.16.001.DS09>.

Resumo

O presente artigo apresenta uma análise da obra *Ética*, do teólogo alemão Dietrich Bonhoeffer, destacando-se um estudo que o autor faz sobre a vida responsável, e a estrutura dela parametrizada por ele. Propõe-se uma breve introdução ao contexto histórico do autor, um histórico sobre o conceito não inédito de “ética da responsabilidade”, que pode ter sido usado como base de Bonhoeffer para o desenvolvimento da estrutura da vida responsável. Após isso, é feita uma breve

^[a] Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), e-mail: lsferreira92@gmail.com

^[b] Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), e-mail: professor.edilson@fabapar.com.br

exposição dos conceitos que compõem essa estrutura, os quais são: representatividade, conformidade com a realidade e liberdade. Por último, é feita uma aplicação desses conceitos à vida cristã contemporânea. Foram usados como referência para a análise da obra e do conceito os artigos de Câmara (2003) e Rodrigues (2011). Para a análise do contexto histórico, recorreu-se a Gibellini (2002) e Gundry (1983), já para a aplicabilidade contemporânea, analisou-se Denver (2016), Ortiz (1983) e Rabey (2004).

Palavras-chave: Estrutura da vida responsável. Responsabilidade. Ética. Dietrich Bonhoeffer.

Abstract

The present article presents an analysis of the work Ethic, of the German theologian Dietrich Bonhoeffer, highlighting a study that the author makes about the life responsible, and the structure parameterized by him. We propose a brief introduction to the author's historical context, a history of the unpublished concept of "responsibility ethics", which may have been used as Bonhoeffer's basis for the development of responsible life structure. After this, a brief exposition of the concepts that compose this structure is made, which are: representativeness, conformity with reality and freedom. Finally, these concepts are applied to contemporary Christian life. The articles of Câmara (2003) and Rodrigues (2011) were used as reference for analysis of the work and the concept. For the analysis of the historical context, Gibellini (2002) and Gundry (1983) were used, while for contemporary applicability, Denver (2016), Ortiz (1983) and Rabey (2004) were analyzed.

Keywords: Responsible life structure. Responsibility. Ethic. Dietrich Bonhoeffer.

Introdução

Este artigo busca analisar os conceitos explorados por Dietrich Bonhoeffer, a partir de uma de suas obras intitulada *Ética*, quando trata da responsabilidade e de seus respectivos elementos constitutivos. Bonhoeffer nasceu na Alemanha (1906) e cresceu no contexto de uma família com considerável condição social. Ele estudou teologia na Universidade de Tübingen, tornando-se pastor luterano. Posteriormente, assumiu a liderança pastoral na chamada Igreja Confessante, que se tornou um dos braços de uma forma de protestantismo que se posicionou contra o regime nazista durante a Segunda Guerra Mundial. Bonhoeffer foi preso em 1943 e foi executado dois anos depois (1945), mantendo-se fiel ao seu firme posicionamento político, como também de confissão religiosa, lutando por um cristianismo responsável por suas escolhas sociais.

Ética é uma obra inacabada que o teólogo alemão começou a escrever na prisão e que foi lançada postumamente. Em meio a diversas discussões teológicas e também filosóficas, ele apresentou a responsabilidade da seguinte maneira:

a ação do responsável acontece no comprometimento com Deus e o próximo, como os encontramos em Jesus Cristo, comprometimento este que constitui a única forma de obter plena liberdade; tal ação acontece totalmente no âmbito da relatividade, na penumbra que a situação histórica espalha sobre bem e mal; acontece em meio às incontáveis perspectivas em que tudo o que é real parece. Tal ação não tem que decidir simplesmente entre justiça e injustiça, bem e mal, mas entre direito e direito, injustiça e injustiça. 'Direito luta com direito', dizia Êsquilo. A ação responsável é, precisamente nisso, uma aventura livre, sem justificação por lei alguma, acontecendo, pelo contrário, na renúncia a qualquer autojustificação válida e, assim, na renúncia a seu conhecimento último e válido de bem e mal. O bem, na qualidade daquilo que é responsável, acontece no desconhecimento do bem, na entrega da ação necessária, e mesmo assim (ou justamente assim!) livre, a Deus, que vê o coração, pesa o ato e guia a história.¹

Esse conceito de responsabilidade não é original em Bonhoeffer, visto que Max Weber já o havia utilizado no século XIX. É possível, desta forma, encontrar algumas considerações sobre esta temática em Weber, sobretudo, no ensaio intitulado *Política como vocação*. Neste sentido, pode-se reconhecer a influência da Max Weber em parte das reflexões de Bonhoeffer.

Segundo Weber:

devemos ser claros quanto ao fato de que toda conduta eticamente orientada pode ser guiada por uma de duas máximas fundamentalmente e irreconciliavelmente diferentes: a conduta pode ser orientada para uma 'ética das últimas finalidades', ou para uma 'ética da responsabilidade'. Isto não é dizer que uma ética das últimas finalidades seja idêntica ao oportunismo sem princípios. Naturalmente ninguém afirma isso. Há, porém, um contraste abismal entre a conduta que segue a máxima de uma ética dos objetivos finais – isto é, em termos religiosos, 'o cristão faz o bem e deixa os resultados ao Senhor' – e a conduta que segue a máxima de uma responsabilidade ética, quando então se tem de prestar conta dos resultados previsíveis dos atos cometidos.²

Weber escreveu este ensaio em 1918 e apresentou uma *Ética da responsabilidade* como sendo aquela que pensa nos efeitos antes de pensar nos meios. Seguindo nesta linha de pensamento, as consequências do ato são muito mais importantes e o indivíduo, portanto, torna-se responsável pelas consequências de suas ações. Em plano secundário, pode-se considerar se os meios que levaram a tais

¹ BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*. 9. ed. São Leopoldo: Sinodal/EST, 1981, p. 138-139.

² WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1982, p. 144.

efeitos eram bons ou não, segundo as normas morais vigentes em cada sociedade, considerando também aspectos da temporalidade. Bonhoeffer, avançando em suas reflexões, desenvolveu aquilo que se nomeou *Estrutura da Vida Responsável*.

Sobre esta percepção, ele afirmou:

A estrutura da vida responsável tem duas determinantes: a vinculação da vida ao semelhante e a Deus e a liberdade da própria vida. É a vinculação da vida ao próximo e a Deus que a coloca na liberdade da própria vida. Sem essa vinculação e sem essa liberdade não pode haver responsabilidade. Somente aquela vida que na vinculação se tornou altruísta está na liberdade da vida e ação mais próprias. A vinculação assume a forma da representação e da conformidade com a realidade; a liberdade mostra-se no auto-exame da vida e da ação e no risco da decisão concreta.³

Partindo da citação anterior, percebe-se que a responsabilidade é fundamentada por outros componentes. O teólogo alemão chamou estes conceitos de: *representação*, *conformidade com a realidade* e *liberdade*. Estes conceitos, conforme a citação anterior, compõem o que se chamou de *Estrutura da Vida Responsável*. Observa-se que os dois primeiros elementos podem ser identificados como mecanismos de aproximação entre o indivíduo, Deus e o semelhante. Já o terceiro conceito pode identificar o mecanismo que permite a tomada de decisões, visando agradar a Deus e causar o bem ao outro indivíduo. Objetivando compreender de forma mais adequada a ideia de *Estrutura da Vida Responsável*, uma breve análise dos três conceitos apontados revela-se pertinente.

1. A importância do conceito de *Representação* para uma *Vida de Responsabilidade*

Bonhoeffer entende que a representação é uma maneira de o ser humano vincular a sua vida a Deus e a de outro ser humano.⁴ É possível entender que a proposta desse vínculo ocorre mediante a abnegação integral da própria vida em prol da vida do outro. O pensador cristão chama isso de representação e dá como exemplo o pai, que é responsável por trabalhar, cuidar, defender, lutar e sofrer no lugar dos filhos, renunciando à sua vida para representar a deles. Câmara afirmou que a concepção de Bonhoeffer, neste caso, é de que nenhum ser humano é isolado, participando de uma dada comunidade, tornando-se, desta forma, representante desta.⁵

Para Rodrigues, que também empreendeu uma análise da obra de Bonhoeffer, observa-se que ele e os demais membros que lutaram na resistência alemã, podem ser identificados como representantes de parte de uma sociedade que lutou contra as crueldades do regime nazista nos terríveis anos da Segunda Grande Guerra.

Voltando ao texto que sustenta a discussão da presente reflexão, em uma referência aos ensinamentos de Jesus de Nazaré, pode-se ler:

Jesus não foi um indivíduo em busca de sua própria perfeição; ele viveu somente como aquele que assumiu e carrega em si o eu de todos os seres humanos. Toda a sua vida, ação e morte foi representação. Nele se cumpre o que os seres humanos deviam viver, fazer e sofrer. Nessa representação real, que é o conteúdo de sua existência humana, ele é o responsável por definição. Por ele ser a vida, toda vida por ele se destina à representação. Mesmo que se rebele, continuará sendo

³ BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*. 9.ed. São Leopoldo: Sinodal/EST, 1981, p. 125.

⁴ BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*. 9.ed. São Leopoldo: Sinodal/EST, 1981, p. 126.

⁵ CÂMARA, Uipirangi Franklin da Silva. A Ética da Responsabilidade em Bonhoeffer: o desafio de encarar as demandas éticas do mundo moderno. *Via Teológica*, Curitiba/PR, n. 8, p. 51-71, dez./2003, p. 65.

representativa, para a vida ou para a morte, assim como o pai não deixa de ser pai, para o bem ou para o mal.⁶

Percebe-se que, em Bonhoeffer, Jesus representou a humanidade durante toda a sua vida, como também em sua morte, ao ser crucificado. Da mesma forma como Cristo assumiu a responsabilidade de representar toda a humanidade, o teólogo alemão entendeu que é dever do indivíduo assumir o seu lugar em uma certa representação, sobretudo, em momentos de desafios éticos. Cabe lembrar que, mesmo que o indivíduo não exerça um papel de representatividade na sociedade, ele possui a responsabilidade de assumir a sua humanidade. Pode-se entender que, na condição de ser humano, o indivíduo carrega a representatividade de ser responsável também pela humanidade. Sobre isso, afirmou Gibellini: “Se a figura de Cristo é caracterizada pela representação, segue-se que também a vida ética do cristão se caracteriza pela representação: responsabilidade é representação”.⁷ Entende-se, portanto, a ideia da necessidade de cada pessoa, em cada época e cultura, de assumir a responsabilidade de seus pensamentos e atos, tornando-se o mais semelhante ao Cristo de Deus.

Essa mesma ênfase foi dada por Gundry que, ao distinguir a teologia de Bonhoeffer da teologia secular que surgiu na metade do século XX, afirmou que na concepção bonhoefferiana o ser humano tem a responsabilidade de representar Cristo no mundo. Em outras palavras, pode ou deve viver os valores e os ensinamentos de Jesus de Nazaré de maneira altruísta, a fim de que possa testemunhar o seu discipulado.⁸

2. A ideia da *Conformidade com a realidade* na teologia de Bonhoeffer

Para a teologia de Bonhoeffer, a *Conformidade com a realidade* apresenta-se em uma dada maneira do indivíduo vincular-se a Deus e ao próximo, mensurando de forma mais adequada a sua ação responsável. Enquanto na representatividade se foca a renúncia da própria vida, a fim de assumir a responsabilidade também pelo outro, na conformidade com a realidade tem-se a importância da situação concreta em uma ação responsável.

Neste sentido, afirmou Bonhoeffer:

o responsável é remetido, dentro de suas reais possibilidades, ao seu próximo concreto. Seu comportamento não está definido a priori e uma vez por todas, como que por princípio, mas surge com a ação concreta. Ele não dispõe de um princípio de validade absoluta que devesse impor fanaticamente contra toda resistência da realidade, mas vê o que, na situação dada, é necessário, ‘mandado’ captar e fazer. Para o responsável, a situação existente não é a matéria à qual quisesse impor, imprimir sua ideia, seu programa; pelo contrário: ela é incorporada ao agir como fator que contribui para dar forma concreta à ação. Não se pretende realizar um ‘bem absoluto’; antes, faz parte da modéstia de quem age responsabilmente preferir o relativamente melhor ao relativamente pior e reconhecer que o ‘bem absoluto’ pode muito bem ser o pior. Ao responsável não cabe impor uma lei alienígena à realidade; pelo contrário, sua ação prima pela ‘conformidade com a realidade’ no verdadeiro sentido da palavra.⁹

Percebe-se nesse conceito que a ideia de se conformar pode estar relacionada a uma não vinculação, absoluta, com relação aos dogmas religiosos ou mesmo às diversas leis sociais, sobretudo,

⁶ BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*. 9.ed. São Leopoldo: Sinodal/EST, 1981, p. 126.

⁷ GIBELLINI, Rosino. *A teologia do século XX*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2002, p. 114.

⁸ GUNDRY, Stanley. *Teologia Contemporânea*. São Paulo: Mundo Cristão, 1983, p. 128.

⁹ BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*. 9.ed. São Leopoldo: Sinodal/EST, 1981, p. 127.

em um sentido abstrato ou mesmo *a priori*. Entende-se, no entanto, que a realidade concreta irá impor situações que confrontarão muitas destas leis predefinidas em cada sociedade. Desta forma, conformar-se com a realidade é, em um primeiro momento, estar disposto a enxergar um mundo caracterizado pela concretude e assumir uma ação responsável, tendo como base de avaliação certa realidade que envolve ou mesmo concebe esse mesmo mundo. Objetiva-se, assim, o bem de Deus e igualmente o bem do próximo, habitante desse mesmo mundo.

Rodrigues, então, afirmou:

o comportamento de um indivíduo responsável surge em uma situação concreta, ele não está definido por um princípio universal de uma definição apriorística. É por isso que uma pessoa responsável não impõe à realidade uma lei alienígena. Novamente Jesus Cristo é modelo, agora para a conformidade com a realidade.¹⁰

Quando Bonhoeffer fala de impor uma chamada “lei alienígena”, refere-se, justamente, a impor uma “lei criada”, em outro contexto, que pode não se adequar mais ao momento presente em que a ação responsável precisa ser tomada. Contudo, pode-se questionar: se não há leis *a priori* para a tomada de ações responsáveis, como a ação responsável conformada com a realidade deve ser mensurada? Como citado acima por Rodrigues, Bonhoeffer entende que Jesus Cristo deve ser o modelo desta ação, segundo o conceito proposto, assim como foi no caso do conceito de representação.

Bonhoeffer, então, afirmou:

Jesus Cristo não se defronta com a realidade como alguém alheio a ela. É ele somente que carregou e experimentou no próprio corpo a essência da realidade, que falou a partir do real como nenhum outro ser humano na terra, o único que não sucumbiu a uma ideologia; ele é o real por excelência, que carregou e realizou em si a essência da história e no qual está personificada a lei básica da história. Uma vez que ele, como o real, é origem, essência e alvo de tudo que é real, ele mesmo também é o Senhor e a lei do real. A palavra de Jesus Cristo, portanto, é a explicitação de sua existência e, com isso, a explicação daquela realidade em que a história chega a sua consumação. As palavras de Jesus são mandamentos divinos para o agir responsável na história na medida em que constituem a realidade da história consumada em Cristo, a responsabilidade pelo ser humano plenamente satisfeita somente nele mesmo.¹¹

Para Bonhoeffer, agir como Cristo agiu é a maneira ideal de se conformar com a realidade, visto que Ele não é uma realidade metafísica, e sim histórica. Seus ensinamentos não são baseados em teorias metafísicas, mas em situações corriqueiras que remetem aos valores universais; devem, portanto, ser referência ao indivíduo que vive no mundo real. Mesmo conhecendo a lei mosaica, que funcionava como uma lei *a priori*, o Filho de Deus valorizou o ser humano e as suas necessidades, não temendo dar outro significado a alguns princípios, como a guarda do sábado e o isolamento dos leprosos. Gundry entende, nesse caso, que a partir do momento em que um indivíduo se torna discípulo de Cristo, interpretando e praticando os seus ensinamentos, pode viver em sociedade empreendendo ações responsáveis, segundo o padrão proposto nos ensinamentos de Jesus.¹²

Ainda sobre esse assunto, Bonhoeffer tratou da importância da obra de reconciliação efetuada por Jesus Cristo na cruz do calvário, ao reaproximar o ser humano da presença e da graça de Deus.

¹⁰ RODRIGUES, Adriani Milli. A Ética da Responsabilidade na Teologia de Dietrich Bonhoeffer. *Acta Científica*, Engenheiro Coelho/SP, v. 20, n. 3, set-dez/2011, p. 71.

¹¹ BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*. 9.ed. São Leopoldo: Sinodal/EST, 1981, p. 128.

¹² GUNDRY, Stanley. *Teologia Contemporânea*. São Paulo: Mundo Cristão, 1983, p. 128.

Esta aproximação reconciliatória, segundo o teólogo alemão, alterou as leis definidas *a priori*. A percepção foi que, a partir da reconciliação, o indivíduo podia se aproximar de Deus, tornando-se um representante de Cristo no mundo, favorecendo ações concretas que fluíam de maneira responsável.¹³ Esta interpretação de Bonhoeffer no passado pode ser observada ainda no presente, quando uma postura de Ética Cristã aponta para um ideal de Responsabilidade, que se manifesta diante dos desafios enfrentados no cotidiano de cada sociedade.

Bonhoeffer frisou também que o ser humano não deixou de ser uma criatura com limitações e imperfeições ao se reconciliar com Cristo, permanecendo preso a tais limitações. Um exemplo destas limitações revela-se quando o indivíduo não pode criar, sempre, as adequadas condições para agir de forma responsável, sobretudo, diante das variáveis da trajetória e da existência humana. Câmara destacou esse aspecto no sentido de lembrar que, devido a esta condição, a própria ação responsável acaba sendo limitada.¹⁴ Devido a esta limitação, Câmara ainda destacou a necessidade do indivíduo responsável “observar, ponderar, avaliar e decidir, na situação concreta e dentro dos limites do conhecimento humano”.¹⁵ Esta postura do indivíduo pode ajudá-lo a escolher qual a melhor ação a ser tomada, orientado por uma visão e por uma postura pautadas na responsabilidade.

Entretanto, cabe frisar que é muito arriscado confiar os resultados de uma ação exclusivamente ao conhecimento humano e à capacidade do indivíduo em analisar as mais variadas situações. Por isso, Bonhoeffer considerou que o indivíduo, que busca ser responsável, deve ou pode confiar na graça manifesta e soberana de Deus, que se constituiu no Senhor da história.¹⁶

3. A Liberdade na percepção de Bonhoeffer

Liberdade é outro conceito essencial para se compreender a *Estrutura da Vida Responsável* como proposta por Bonhoeffer. Sobre este conceito, pode-se ler nas reflexões do teólogo cristão:

sem cobertura por parte de seres humanos, circunstâncias ou princípios, mas levando em conta todos os fatores humanos, gerais e básicos, o responsável age na liberdade do seu próprio eu. O fato de que nada pode defendê-lo, desagravá-lo, a não ser ele mesmo e seu ato, é prova de sua liberdade. Ele mesmo tem que observar, julgar, ponderar, decidir e agir. Ele mesmo tem que examinar os motivos, as chances, as perspectivas, o valor e o sentido de sua ação. Mas nem a pureza da motivação, a oportunidade das circunstâncias, nem o valor do sentido da ação pretendida podem transformar-se em lei para o seu agir. Do contrário ele não seria mais verdadeiramente livre.¹⁷

Percebe-se no conceito de Bonhoeffer algumas características fundamentais da liberdade responsável. Em primeiro lugar, ele destaca que a ação responsável depende do conhecimento humano, sendo necessário que o indivíduo observe, julgue, pondere, decida e aja segundo esse conhecimento. Há, portanto, uma limitação da liberdade nesse sentido, o que a torna complexa.

O risco é outro aspecto que pode ser abstraído do conceito de liberdade. Se ela – a *liberdade* – está sujeita às limitações do conhecimento humano, então, os resultados obtidos podem não ser,

¹³ BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*. 9.ed. São Leopoldo: Sinodal/EST, 1981, p. 129-130.

¹⁴ CÂMARA, Uipirangi Franklin da Silva. A Ética da Responsabilidade em Bonhoeffer: o desafio de encarar as demandas éticas do mundo moderno. *Via Teológica*, Curitiba/PR, n. 8, p. 51-71, dez./2003, p. 66.

¹⁵ CÂMARA, Uipirangi Franklin da Silva. A Ética da Responsabilidade em Bonhoeffer: o desafio de encarar as demandas éticas do mundo moderno. *Via Teológica*, Curitiba/PR, n. 8, p. 51-71, dez./2003, p. 66.

¹⁶ BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*. 9.ed. São Leopoldo: Sinodal/EST, 1981, p. 131.

¹⁷ BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*. 9.ed. São Leopoldo: Sinodal/EST, 1981, p. 138.

necessariamente, bons ou corretos. E é exatamente por causa desta condição que outro aspecto importante, sobre a liberdade, pode ser identificado e destacado.

Para Rodrigues:

A ação responsável não deixa de ser um risco. Mas além da necessidade de correr o risco de olhar para o futuro próximo, é preciso também considerar com seriedade as consequências da ação, e examinar os próprios motivos do coração. Apesar da ação responsável ser arriscada, ela não pode ocorrer cegamente.¹⁸

Rodrigues cita a importância de analisar os efeitos desta ação. Afinal, como se buscou destacar nos escritos de Bonhoeffer, a ação responsável visa recorrentemente vincular o ser humano a Deus e ao próximo. Portanto, os efeitos que este ato pode produzir nesse vínculo precisam ser mensurados a partir da compreensão que se tem do conceito de liberdade. Outro aspecto fundamental que a autora destacou são as motivações do indivíduo, ou a intenção de se querer fazer o bem, mesmo sem ter a certeza que determinada ação produzirá resultados favoráveis ou desfavoráveis. Esse anseio em fazer o bem de maneira responsável é essencial para compreender o conceito de liberdade no cenário da reflexão sobre a *Estrutura* proposta por Bonhoeffer.

Contudo, para Bonhoeffer, a compreensão da liberdade pode remeter a uma mera arbitrariedade.¹⁹ Neste sentido, o próprio teólogo alemão relacionou liberdade com obediência, demonstrando que ambas seguem juntas. Justificou esse argumento usando, novamente, o exemplo de Jesus de Nazaré, que obedeceu à lei dada pelo Pai Celeste, mas com liberdade, pois o seu entendimento estava motivado a seguir com alegria aquilo que lhe estava sendo designado.

Desta forma, Bonhoeffer afirmou:

Obediência sem liberdade é escravidão, liberdade sem obediência é arbitrariedade. A obediência disciplina a liberdade, a liberdade enobrece a obediência. A obediência vincula a criatura ao Criador, a liberdade coloca a criatura em sua semelhança a Deus diante do Criador. A obediência mostra ao ser humano que ele tem que ouvir o que é bom e o que Deus exige dele (Mq 6.8), a liberdade permite que o próprio ser humano crie o bem. A obediência sabe o que é bom e o faz, a liberdade arrisca agir e confia a Deus o julgamento sobre bem e mal. A obediência cumpre cegamente, a liberdade tem olhos abertos. A obediência age sem perguntar, a liberdade pergunta pelo sentido. A obediência tem mãos amarradas, a liberdade é criativa. Na obediência o ser humano cumpre o Decálogo de Deus, na liberdade ele cria novos decálogos.²⁰

Há, portanto, constante tensão entre obediência e liberdade! Segundo Bonhoeffer é necessário que tal tensão se manifeste a fim de garantir uma ação legitimamente responsável. Nota-se, portanto, que não pode haver autonomia ou mesmo hierarquia entre uma e outra.

Rodrigues faz alguns alertas ainda sobre o conceito de liberdade.²¹ Destacou que o indivíduo deve conseguir distinguir entre o “chamado concreto de Jesus” e “as tendências naturais”, que podem interferir na tomada de decisões.²² Enfatizou-se, então, a necessidade de um autoexame cuidadoso a fim

¹⁸ RODRIGUES, Adriani Milli. A Ética da Responsabilidade na Teologia de Dietrich Bonhoeffer. *Acta Científica*, Engenheiro Coelho/SP, v. 20, n. 3, set-dez/2011, p. 71.

¹⁹ BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*. 9.ed. São Leopoldo: Sinodal/EST, 1981, p. 140.

²⁰ BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*. 9.ed. São Leopoldo: Sinodal/EST, 1981, p. 140.

²¹ RODRIGUES, Adriani Milli. A Ética da Responsabilidade na Teologia de Dietrich Bonhoeffer. *Acta Científica*, Engenheiro Coelho/SP, v. 20, n. 3, set-dez/2011, p. 72-73.

²² RODRIGUES, Adriani Milli. A Ética da Responsabilidade na Teologia de Dietrich Bonhoeffer. *Acta Científica*, Engenheiro Coelho/SP, v. 20, n. 3, set-dez/2011, p. 72-73

de evitar decisões baseadas em um superficial entusiasmo ou mesmo em uma ação impulsiva. Em sua reflexão, a autora destacou que a mera desobediência às leis não é liberdade responsável. Desta forma, o indivíduo deve considerar o princípio da obediência, mesmo que não realize o autoexame e sem a real avaliação dos efeitos dessa decisão.

Após analisar esses três conceitos, Câmara apresentou uma síntese sobre o que Bonhoeffer entendeu como responsabilidade. Para Câmara, “responsabilidade é a liberdade humana dada exclusivamente no compromisso com Deus e com o próximo”.²³ Nesta síntese, percebe-se a representação e a conformidade com Deus e com o próximo dentro do compromisso, constituindo-se a liberdade como uma virtude recebida para ser vivida em alinhamento com o compromisso.

Considerações aplicadas ao *Discipulado Cristão*

Denver ofereceu uma ideia pertinente sobre o significado do *Discipulado Cristão* quando afirmou:

ser discípulo de Jesus significa orientar nossa vida em relação ao próximo, como Jesus fez; significa trabalhar pelo bem de outras pessoas. Esse amor ao próximo é o ponto crucial do fazer discípulos. Focamo-nos em servir às pessoas por causa de Cristo: assim como Jesus veio ao mundo não para ser servido, mas para servir e dar sua vida em resgate de muitos (Mt 10.45).²⁴

Nesta contribuição de Denver, verifica-se que aqueles que estão envolvidos no discipulado têm a sua vida dedicada ao próximo, sendo o amor uma das características *a priori* na dinâmica relacional que remete a tal processo. Este amor se manifesta também no serviço, apontando para um modelo encontrado nos ensinamentos de Jesus Cristo, inseridos nos livros que formam o Novo Testamento.

Juan Carlos Ortiz também favorece a discussão sobre a *Estrutura da Vida Responsável*, quando lembra:

discipulado não é comunicação de conhecimento, mas comunicação de vida. Jesus disse: ‘As palavras que vos tenho dito, a linguagem que falo, não são meros sons ou ideias: são espírito e vida’ (cf. Jo 6,63). Numa relação de discipulado não ensino ao outro a conhecer o que eu conheço, mas o ensino a se tornar o que eu sou. Discipulado, portanto, não é comunicação de conhecimento, mas comunicação de vida e espírito. Fazer discípulos é diferente de conquistar uma alma. Paulo fez discípulo vivendo uma vida que ele ensinou outros a viver. Dizia ele: ‘Vocês precisam ser como eu, sejam meus imitadores’. Por isso, para começar o discipulado na Igreja, nós mesmos precisamos primeiro ser discípulos. Precisamos, por exemplo, ter uma boa família, e boas relações em casa, boas relações entre pais e filhos, e boas relações com nossos vizinhos.²⁵

Nas reflexões anteriores, observa-se que o discipulado vai além de uma mera vida religiosa ou de absorção e transmissão de conhecimento de caráter doutrinário ou apenas dogmático. Discipulado está relacionado com a vida, com o exemplo e com a imitação, manifestada através de relacionamentos funcionais, que favoreçam o crescimento harmonioso das pessoas e dos sistemas sociais e religiosos.

Reforçando a associação entre as propostas de Bonhoeffer e a *práxis* do discipulado cristão, outros autores destacam algumas características básicas que acompanham o discipulado. MacDonald considera sete características: o supremo amor por Jesus Cristo; a abnegação; a escolha livre pela cruz; a vida de alguém que segue a Cristo; um amor imenso por aqueles que são de Cristo; perseverança na

²³ CÂMARA, Uipirangi Franklin da Silva. A Ética da Responsabilidade em Bonhoeffer: o desafio de encarar as demandas éticas do mundo moderno. *Via Teológica*, Curitiba/PR, n. 8, pp 51-71, dez./2003, p. 67.

²⁴ DENVER, Mark. *Discipulado: como ajudar outras pessoas a seguir Jesus*. São Paulo: Vida Nova, 2016, p. 31.

²⁵ ORTIZ, Juan Carlos; BUCKINGHAM, Jamie. *Ser e fazer discípulos*. 4.ed. São Paulo: Edições Loyola, 1983, p. 68.

Palavra de Deus; e abandono de tudo para segui-Lo.²⁶ Na percepção de John Flavel, citado por Steve Rabel e Lois Rabel, os principais atributos do discipulado são: a pureza e a santidade; a obediência a Deus; a abnegação; a diligência; o prazer em praticar o serviço para o qual Deus chamou; uma vida pacífica; a humildade; e o contentamento em todas as situações.²⁷

Assim, é possível observar nas características básicas do discipulado, anteriormente citadas, algumas semelhanças com as ideias expostas e defendidas na teologia de Bonhoeffer. Neste sentido, tanto na *Estrutura da Vida Responsável* quanto nas considerações sobre o processo de Discipulado Cristão, observam-se alguns traços comuns, entre eles: a ideia de imitação de Cristo, a ênfase no amor ao próximo e o esforço para se manter uma vida responsável, refletindo os ensinados deixados por Jesus de Nazaré.

Essa *Vida Responsável* se estrutura e se manifesta quando o indivíduo assume uma postura de imitador da pessoa e dos ensinamentos de Jesus Cristo, vivendo em um dado ambiente que pode desvirtuar os ensinamentos contidos nas Sagradas Escrituras. Contudo, segue a sua jornada existencial sem perder o amor que nutre por Deus, por si mesmo, como também por tantos que estão ao seu redor, inclusive, por aqueles que sofrem as profundas injustiças em dada sociedade. Uma *Vida Responsável* também se coloca em oposição aos diversos instrumentos produtores de injustiça social, tanto Brasil quanto na América Latina.

Esta *Vida Responsável*, portanto, é chamada a tomar decisões em meio a contextos marcados pelo sofrimento e pela dor, apontando para a possibilidade de algumas formas de liberdade, submetendo-se aos ensinamentos compartilhados por Jesus aos seus seguidores ou discípulos. Mesmo em meio às lutas, os sentimentos de amor, alegria e paz – manifestos no ministério do *Discipulado Cristão* e na referência ao *Fruto do Espírito* (Gálatas 5.22) – podem conduzir o fiel a ter esperança na presença consoladora de Jesus entre os seres humanos. Neste sentido, entende-se que a *Estrutura da Vida Responsável*, proposta pela teologia de Bonhoeffer em meados do século XX, pode ser aplicada aos vários contextos das sociedades atualmente, já que ela possui propostas que podem ser entendidas como atemporais.

Referências

BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*. 9.ed. São Leopoldo: Sinodal/EST, 1981.

CÂMARA, Uipirangi Franklin da Silva. *A Ética da Responsabilidade em Bonhoeffer: o desafio de encarar as demandas éticas do mundo moderno*. Via Teológica, Curitiba/PR, n. 8, p. 51-71, dez./2003

DENVER, Mark. *Discipulado: como ajudar outras pessoas a seguir Jesus*. São Paulo: Vida Nova, 2016.

GIBELLINI, Rosino. *A teologia do século XX*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2002.

GUNDRY, Stanley. *Teologia Contemporânea*. São Paulo: Mundo Cristão, 1983.

MACDONALD, William. *O discipulado verdadeiro*. São Paulo: Mundo Cristão, 1979.

ORTIZ, Juan Carlos; BUCKINGHAM, Jamie. *Ser e fazer discípulos*. 4.ed. São Paulo: Edições Loyola, 1983.

²⁶ MACDONALD, William. *O discipulado verdadeiro*. São Paulo/SP: Mundo Cristão, 1979, p. 6-8.

²⁷ RABEY, Steve; RABEY, Lois. *Lado a lado: um manual de discipulado*. Rio de Janeiro/RJ: Editora Sepal, 2004, p. 40-41.

RABEY, Steve; RABEY, Lois. *Lado a lado: um manual de discipulado*. Rio de Janeiro: Editora Sepal, 2004.

RODRIGUES, Adriani Milli. A Ética da Responsabilidade na Teologia de Dietrich Bonhoeffer. *Acta Científica*, Engenheiro Coelho, SP, v. 20, n. 3, set-dez/2011.

WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*. 5.ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1982.

RECEBIDO: 03/07/2019
APROVADO: 08/04/2024

RECEIVED: 07/03/2019
APPROVED: 04/08/2024